

A SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA: “A NORMAL SCIENCE” OU “A REVOLUTIONARY SCIENCE”?

Hélder Sousa SANTOS¹⁰

Sueli Maria COELHO¹¹

As questões e enigmas enfrentados pela teoria linguística atual são, em muitos casos, recauchutados por questões e enigmas que aparecem e reaparecem no pensamento linguístico Ocidental desde que foram propostos. [...] as teorias contemporâneas permanecem, então, deslumbradas pelos mesmos problemas que nossos antepassados vêm tentando resolver por mais de dois mil anos (TAYLOR, *apud* FIGUEROA, 1990, p.2).

Resumo: No presente artigo, propomos uma discussão de natureza intrateórica cujo foco está na maneira como o fenômeno linguagem é abordado pelo linguista americano William Labov (2008). Em sendo assim, para proceder a essa proposta, recorreremos a posicionamentos desenvolvidos por Esther Figueroa (1994), particularmente, em sua obra “Metateoria Sociolinguística” — “Sociolinguistic Metatheory”. Ante, então, a posicionamentos figueroanos, destacamos que, de fato, a empreitada laboviana não instituiu uma subárea no campo dos estudos linguísticos, a Sociolinguística. Ao contrário, em Labov, a ciência linguística é exposta a uma espécie de revisão daquilo que parte do pensamento saussuriano nos legou como modelo padrão de investigação do objeto língua, a partir da reivindicação de um estatuto para o caráter social constitutivo da estrutura da língua.

Palavras-chave: Metateoria. Revisão. Sociolinguística laboviana.

Abstract: *In this paper, we propose a discussion of intratheoretical nature whose focus is on the way the language phenomenon is approached by the American linguist William Labov (2008). Therefore, to conduct this proposal, we have scrutinized the positionings developed by Esther Figueroa (1994), particularly in her book “ Sociolinguistics Metatheory ”. Before, then, the positionings of this author, we point out that, in fact, the Labovian intellectual production did not institute a subfield in the field of linguistic studies, the Sociolinguistics. Unlike, in Labov, the linguistic science is exposed to a kind of review from the Saussurian thinking as the standard model of investigation of the object language, from a demand of a statute to the constitutive social character of language structure.*

Keywords: *Metatheory. Review. Labovian sociolinguistics*

¹⁰ Doutorando em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL-UFU). E-mail: helder_sousa@terra.com.br

¹¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: su.coelho@uol.com.br

Palavras introdutórias

Uma revisita atenta à Historiografia das Ideias Linguísticas nos faz notar que o vasto saber teórico ali produzido por grandes filósofos e linguistas acerca da matéria linguagem pouco se mostra *a priori* — semelhante ao que ocorre em outras áreas de conhecimento, na física, por exemplo, onde um mesmo paradigma, em uma dada conjuntura, garante certa coerência às suas pesquisas — na condição de um estável arcabouço de conhecimentos e de descobertas claramente delineados para o exercício de uma ciência.

Ao contrário, observa-se dali que sempre existiram diferentes perspectivas teóricas em competição, cada uma, à sua maneira, ocupada com a análise e com a descrição de distintos fatos de língua[gem]. Com efeito, essas perspectivas — não obstante falem de algum lugar teórico em que quase sempre se reforça a conhecida dicotomia saussuriana *Língua Vs. Fala* — nunca deixaram de propor meios para que fosse possível compreender como, sistematicamente, o multifacetado fenômeno linguístico se estabelece no seio das sociedades, permitindo ali funcionar muitas de suas práticas, sejam estas de natureza languageira, social cultural.

Em vista do que então propõem tais perspectivas teóricas, podemos destacar, sem muitas delongas, dois modos distintos de fazer linguística. Um deles, que está coadunado à premissa defendida por Saussure (2006 [1916]), no Curso de Linguística Geral (doravante, CLG), de que a língua (*langue*), objeto de estudo da ciência Linguística, “[...] um todo por si e um princípio de classificação” (p.17), permite ser estudada a partir da autonomia de suas formas, no interior de um sistema, sem, portanto, qualquer ligação àquele que dela faz uso, o falante. E outro, o qual, sem se distanciar demasiadamente dos trabalhos de Saussure, reclama para si elementos “negados”¹² — a saber, o *locus* da língua[gem], a fala, o seu estatuto social — na matriz científica proposta pelo mestre genebrino à pesquisa linguística. Neste segundo caso, especificamente, encontram-se estudos que reivindicam para o objeto língua a sua outra face pouco explorada nas lucubrações saussurianas, a fala (“*parole*”). Um desses estudos, sobejamente assumido por atuais pesquisas com foco na realização individual da língua, a fala, provém da maneira como o linguista americano William Labov (2008) compreende questões relativas ao fenômeno linguagem — questões

¹² Optamos por aspear esse termo — que na verdade poderia ter sido substituído por outro —, pois, no CLG, Saussure (2006) não declara ser a “fala” (“*parole*”) um objeto de estudo desvinculado da investigação de sua ciência piloto, a Linguística. Sendo assim, afirmar que Saussure negou essa outra parte constitutiva da linguagem representa um equívoco, já que, nas suas próprias palavras, “*langue*” e “*parole*” “[...] estão estritamente ligadas e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça [...]” (p.27). O que podemos, então, asseverar é que Saussure optou por investigar a língua, e não exatamente a fala, pois esta, inicialmente, iria impedi-lo de propor uma sistematização de fatos linguísticos tomados em si como homogêneos.

relacionadas, por exemplo, ao uso,¹³ que é feito de estruturas linguísticas por um conjunto específico de falantes, socialmente integrados a determinado nível sociocultural e econômico —, as quais, para um recorte de tempo observado, permitem corroborar estágios de mudanças ocorridos nas línguas em geral.

Em sendo assim, na óptica de Labov (2008, p.13), é preciso não perder de vista o fato de que “a língua tem um caráter social e cabe à linguística reconhecer isto”. Ora, essa injunção que Labov determina à linguística nada mais é que o cerne de todo seu projeto teórico-metodológico, o qual está pautado na investigação empírica do objeto língua. Dela, conseqüentemente, pode-se, aqui, entrever algo da noção de língua[gem] assumida por Labov. Neste caso, trata-se da convicção que o impulsionou a apresentar à ciência da linguagem uma alternativa de incluir ali aspectos do caráter social da língua. Tal convicção, segundo explica o próprio Labov (2008 [1974]), cabe ser avivada por pesquisas linguísticas que, ao mesmo tempo, se permitam ser trabalhadas por premissas do paradigma científico proposto em Saussure (2006 [1916]) e pela possibilidade de estudo da vida dos signos de uma língua em ambientes sociais. No entanto, e muito estranhamente — protesta Labov (2008) —, o que muitos linguistas seguidores de Saussure praticam é justamente o contrário: lidam com um ou com dois informantes em suas pesquisas, “corroborando”, nesse caso, a “presumida” autonomia de formas de uma dada língua, ficando esta, com efeito, totalmente alienada de seu caráter social, da sua exterioridade constitutiva¹⁴.

Em decorrência do que o parágrafo precedente desenvolve, é (também) necessário notar que os estudos labovianos, focados no caráter social da língua, têm em mente o inadvertido paradoxo saussuriano do qual tentam se desvencilhar. Paradoxo que Saussure (2006), infelizmente, deixou escapar ao “oferecer” um método científico às primeiras pesquisas linguísticas com escopo exclusivo no objeto língua¹⁵. No que então toca esse paradoxo, Labov (2008, p.218) pontua que

¹³ A princípio, a noção de “língua em uso” orienta-nos a conjeturar eventuais contextos facilitadores para sua realização. A despeito disso, é necessário observarmos que tal noção não se reduz assim a qualquer “coisa”, já que, ao introduzir uma abordagem para o objeto língua em ação, há ali toda uma diversidade de fatos para serem perscrutados pelo estudioso de linguagem. Falar em “língua em uso”, nesse sentido, é ousar pensar para além das aparências de uma estrutura linguística não positivada pela suposta sustancialização de suas formas.

¹⁴ A nosso ver, a designação “exterioridade constitutiva”, que não está sendo usada aqui de modo semelhante às teorias do discurso, denota não exatamente a ideia de um simples “contexto”, um elemento pressuposto como facilitador do acontecimento da parole, mas algo que naturalmente explicita o seu caráter relacional mantido com o próprio sistema da língua; caráter que, nessas circunstâncias, permite a língua significar. Quanto ao uso do termo “contexto”, cumpre, pois, destacar — conforme nos esclarece Figueroa (1994, cf., p.151) — que se trata, ainda, de um construto teórico descritivo, sem explicitação da epistemologia no qual é baseado. Em vista dessas questões, optamos por empregar nessa passagem do presente estudo a expressão “exterioridade constitutiva”.

¹⁵ Cumpre notar que, como todo estudioso, Saussure (2006 [1914]) teve que fazer um recorte, isto é, teve que delimitar seu objeto de estudo, a língua, face a heterogeneidade da linguagem.

o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social. A ciência da *parole* nunca se desenvolveu, mas a abordagem da ciência da *langue* tem tido muito sucesso desde a última metade do século XX.

Com efeito, não se deve interpretar dessa citação que ali exista alguma objeção de Labov quanto ao modo com que Saussure engenhou uma teoria para o estudo da língua. Ao contrário, a citação em tela, de alguma maneira, torna evidente um dos flancos deixado isolado no âmbito dos estudos linguísticos: o aspecto social da língua, aspecto que, efetivamente, caberia ser validado como parte das análises e das descrições linguísticas. Aqui, aproveitando essas observações feitas a partir da referida citação, abrimos espaço para, brevemente, trazer uma explicação ao leitor acerca da questão exposta por nós no título que principia este trabalho. Dessa forma, reiterando nosso questionamento inicial, tem-se o seguinte: a sociolinguística laboviana significa (ou não) a consolidação de uma nova perspectiva de fazer linguística? Em outras palavras, ela, nos termos de Kuhn (2009), corresponde a um estágio de “normal science” ou de “revolutionary science” para a pesquisa linguística padrão?

A princípio, no que tange a esse questionamento, esclaremos ao leitor — como em Figueroa (1994) — que a pesquisa sociolinguista é, de fato, “[...] um discurso continuísta da chamada linguística padrão¹⁶ [...]”¹⁷. Tal discurso, com efeito, coloca em xeque algumas das “[...] premissas científicas normais acerca do objeto de investigação da linguística padrão, os valores centrais dessa linguística em relação aos quais a sociolinguística é normalmente colocada na periferia”¹⁸.

Do prisma figueroano, então, a pesquisa sociolinguista, como ponto de partida, empreende uma leitura crítica de proposições teóricas formuladas por Saussure (2006) e por Chomsky (1972) acerca do que concebem por língua[gem] — leitura que se processa à luz de uma metateoria¹⁹, de sorte a reivindicar uma teoria empírica da língua a qual consiga integrar em seu escopo fatores de

¹⁶ Em Figueroa (1994), a designação “received linguistics” [“linguística padrão”] apresenta estatuto de destaque. Quanto a isso, diríamos que se trata de uma forma singular encontrada por essa sociolinguista para reafirmar grande parte daquilo que, de fato, constitui a empreitada laboviana: uma revisão de proposições inicialmente formuladas pela chamada linguística *standard* (padrão).

¹⁷ “[...] an ongoing discourse with received linguistics [...]” (FIGUEROA, 1994, p.10).

¹⁸ “[...] normal science assumptions about the object of linguistic enquiry, the core values of linguistics, in relation to which sociolinguistics is usually positioned on the periphery” (FIGUEROA, 1994, p.10).

¹⁹ Compreendemos por metateoria todo gesto de discussão intrateórica por meio do qual pesquisadores se põem a re-analisar postulados e premissas teóricas recebidos *a priori* por uma comunidade científica como sendo um “modelo padrão de cientificidade”. Sendo assim, essa forma de discussão, semelhante à que é produzida pela teoria do conhecimento, a epistemologia, procura se questionar acerca de pontos teóricos subsumidos em análises e descrições construídas para validar determinado objeto de estudo fudante de um campo científico e, ainda, acerca do método científico — sua validade (ou não) ante ao que foi engendrado — ali empregado.

caráter social²⁰. Ademais, esse tipo de leitura procura localizar pontos incoerentes e, também, negligenciados em uma teoria científica já aceita por grande parte dos estudiosos, em particular aqui, os de linguagem.

Nesse sentido, a sociolinguística laboviana convoca a linguística padrão a re-pensar o modo de investigação ali proposto para analisar e descrever o objeto dos estudos linguísticos, a língua. Em se tratando de atuais formas de investigação ocupadas em perscrutar fatos do objeto língua, Labov inclusive se questiona se seria preciso construir uma nova abordagem linguística para dali fazer trabalhar aquilo que Saussure (2006) pouco explorou em o CLG, no caso, os aspectos sociais da língua são recorrentes em estruturas linguísticas, permitindo, nessa circunstância, algum tipo de sistematização de fatos da *parole*²¹. Acerca disso, Labov (2008, p.216-217) assevera ser

[...] relevante, portanto, indagar por que deveria haver a necessidade de uma nova abordagem da linguística com uma base social mais ampla. Parece bastante natural que os dados básicos para qualquer forma linguística geral seja a língua tal qual como usada por falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária.

Perante o posicionamento anterior defendido por Labov, nota-se que apenas caberia à linguística propriamente dita (a linguística padrão) um alargar da visão de língua por ela perpetuada durante a primeira metade do século XX e parte de sua segunda metade (até 1960, quando, finalmente, os estudos labovianos começam a ser difundidos), procurando, em decorrência disso, re-analisar e validar elementos constitutivos da natureza de seu objeto de investigação. Quanto a isso, Labov (2008, p.298-299) declara não acreditar na necessidade de

[...] uma nova “teoria da linguagem”; em vez disso, precisamos de um novo modo de fazer linguística que produza soluções decisivas. Ao alargar nossa visão de língua, encontramos a possibilidade de estarmos certos: ao encontrar respostas que são sustentadas por um número ilimitado de mediações reproduzíveis, em que o viés inevitável do observador é cancelado pela convergência de diversas abordagens.

Dessa forma, há que se notar na sociolinguística laboviana uma “nova” possibilidade de descrever o fenômeno linguístico o mais próximo possível daquilo que, realisticamente, ele é: uma totalidade que não só é constituída por aspectos de um sistema gerenciador de usos das formas de

²⁰ No que toca ao caráter social que a sociolinguística laboviana reivindica à linguística padrão, Figueroa (1994) sinaliza que algo ali precisaria ser mais bem definido, por exemplo, o próprio conceito de sociolinguística — conceito que, de forma muito redutora, tenta refletir aquilo que julga ser a própria linguística: um estudo da língua na relação com a sociedade.

²¹ Acerca disso, Figueroa (1994), insistentemente, nos diz que faltou algum tipo de esclarecimento teórico àquilo que os trabalhos labovianos sentenciam como sendo o cerne da pesquisa linguística, no caso, o estudo da “relação entre língua e sociedade”. Que relação é essa? Qual a sua natureza? — são alguns dos questionamentos da referida autora para esse flanco ainda aberto em Labov. Tal esclarecimento teórico (ausente em Labov), então, serviria, em particular, para explicar fatos do comportamento linguístico em termos sociais.

uma língua, mas também por aspectos sociais imiscuídos a esse processo. Quanto a isso, nossa interpretação é a de que, sem dúvida, a pesquisa de Labov oferece à linguística saussuriana muitas respostas — ainda que incipientes — para problematizar questões que garantam, concomitantemente, a articulação de fatos da ordem da *langue* e da *parole* em descrições linguísticas.

Na sequência, sem perder de vista toda essa gama de observações ora (re)construídas em torno do tópico “sociolinguística laboviana”, trazemos uma primeira discussão intrateórica focada na própria noção de “sociolinguística”. Para isso, gostaríamos que o leitor, ao realizar outros gestos de leitura, percebesse que o termo sociolinguística, de modo geral, corresponde a uma espécie de “expressão linguística”, a princípio compartilhada por diferentes linguistas que dali delimitam pontos teóricos de “igual” interesse assumidos por todos. Ao que imediatamente nos convém ressaltar, isso, porém, não é suficiente para que se produza uma exata delimitação de questões que supostamente sejam determinantes no erigir de um novo “campo” de estudos para a ciência da linguagem, no caso, a sociolinguística (cf. FIGUEROA, 1994, p.179).

A seguir, vejamos o que nos reserva essa discussão.

Notas iniciais acerca do termo “sociolinguística”

Antes de nada mais, julgamos necessário explicitar ao leitor o real motivo de, aqui, se apresentarem algumas notas esclarecedoras em torno do termo “sociolinguística”. Ora, por estarmos comprometidos em re-afirmar aquilo que, efetivamente, constitui a sociolinguística laboviana — uma prática de ciência que, na óptica de Figueroa (1994), mostra-se como disposta a fazer, metateoricamente, uma revisão de aspectos teórico-metodológicos pouco explorados pela linguística padrão —, cabe a nós, minimamente, realizar um exercício que circunstancie isso, com vistas a evitar algum gesto simplista nosso, afoitos em tentar “precisar” o amplo escopo das investigações sociolinguísticas.

Em sendo assim, como em Figueroa (1994, p.2), é necessário que retomemos certos fatos gerais da história das ideias sociolinguísticas, dado que, nas palavras da autora,

a história da sociolinguística obviamente não começa com a primeira pessoa que usou o termo, nem com o primeiro uso institucional do termo; nem o campo é definido por qualquer pessoa ou ponto de vista. De fato, o que se define por sociolinguística permanece um problema. Em Hymes (1974), por exemplo, ‘o termo sociolinguística significa muitas coisas e muitas pessoas, e, naturalmente, ninguém possui privilégio com sua definição’ (tradução nossa) 22.

²² “The history of sociolinguistics obviously does not start with the first person who used the term, nor the first institutional use of the term; nor is the field defined by any one person or point of view. But

Com efeito, não se mostra viável precisar um mesmo escopo em causa para o tratamento do termo sociolinguística, uma vez que estão em jogo ênfases e usos bastante diferentes na forma com que é concebido o fenômeno linguagem por (socio)linguistas e por pesquisadores. Todavia, isso não nos impede que, aqui, realizemos uma breve revisão do termo, procurando, por conseguinte, destacar, em meio às diferentes definições apresentadas, possíveis pontos de semelhança ali funcionando — os quais nos permitam notar alguma instância metateórica entre eles e, em decorrência, conjecturar algum gesto particular de um ou de outro estudioso atento em delimitar particularidades do escopo da sociolinguística. Quanto a isso, é oportuno lembrar que há grande dificuldade em precisar aquilo que, nas caracterizações formuladas para o termo sociolinguística, aponta para elementos de um imajado “axioma teórico”²³, já que pouco se sabe da real causa determinante da existência de semelhanças certamente desenvolvidas para a abordagem do objeto língua em uso (FIGUEROA, 1994).

Em vista do que o parágrafo anterior sentenciava, arrolamos, abaixo, algumas das definições propostas para o termo sociolinguística. Nesse caso, optamos, inicialmente, por reiterar oito definições que Figueroa (1994, p.2) também destaca em sua obra “Sociolinguistic Metatheory”. Por sociolinguística, então, renomados linguistas compreendem que seja:

- (1) [...] o estudo das características da variação linguística [...] e das características linguísticas de falantes quando estão em situação constante de interação [...] dentro de uma comunidade de fala ²⁴ (tradução nossa);
- (2) [...] um novo esforço para lidar mais realisticamente e compreensivamente com fatos de linguagem. Um desses fatos é que a linguagem é parte da vida social ²⁵ (tradução nossa);
- (3) uma tentativa de afirmação coerente acerca da relação entre o uso da linguagem e os padrões sociais ou estruturas de vários tipos²⁶ (tradução nossa);
- (4) um estudo com [...] ênfase na fala, nos atos de fala em todas as dimensões sociais ²⁷ (tradução nossa);

what does define sociolinguistics remains a problem. In Hymes' (1974a, p.195) words: ‘The term sociolinguistics means many things to many people, and of course no one has a patent on its definition’” (FIGUEROA, 1994, p.2).

²³ No que toca a essa questão, gostaríamos de dizer que a literatura especializada relega sua existência, dado que, por uma série de razões, não considera a sociolinguística como uma teoria, mas como um método de análise do objeto língua. De modo diferente, nessa parte de nosso texto, o emprego do termo axioma institui ali alguma possibilidade de, ao comparar definições formuladas por diferentes linguistas, espreitarmos, sob um prisma metateórico, um desejável núcleo comum que as esteja promovendo.

²⁴ “Sociolinguistics is ‘the study of the characteristics of language varieties, the characteristics of their functions, and the characteristics of their speakers as these three constantly interact, change and change one another within a speech community’” (FISHMAN, 1974, *apud* FIGUEROA, 1994, p.2).

²⁵ “Sociolinguistics ‘should be regarded as a new effort to deal more realistically and comprehensively with the facts of language. One of these basic facts is that language is part of social life’” (NEUBERT, 1976, *apud* FIGUEROA, p.2).

²⁶ “Sociolinguistics ‘attempts to make a coherent statement about the relationship between language use and social patterns or structures of various kinds’” (ROMAINE, 1982, *apud* FIGUEROA, 1994, p.2).

- (5) o estudo das [...] realizações da variedade linguística de significados socioculturais [...] e do o curso das interações sociais cotidianas que são relativas [...] a culturas populares, sociedades, grupos sociais, comunidades de fala, linguagens, dialetos, variedades e estilos ²⁸ (tradução nossa);
- (6) [...] aquela parte da linguística que é interessada com a linguagem como fenômeno social e cultural ²⁹ (tradução nossa);
- (7) [...] a interação entre o fato de que a linguagem varia e o fato de que a variação é usada para definir a situação social [...] ³⁰ (tradução nossa);
- (8) [...] o estudo da linguagem em relação com a sociedade ³¹ (tradução nossa).

Da leitura dessas oito definições em tela, formulamos duas questões: 1^a) o que dali poderia ser imediatamente destacado como inicial “constructo teórico” comum a todas elas?; 2^a) essas definições e/ou caracterizações para o termo “sociolinguística” contam com uma proposta de desenvolvimento de uma teoria ou são relativas a um método específico patenteadado por uma “nova” abordagem fomentada para tratar de realidades de língua[gem]?

Ora, não obstante o pluralismo de acepções acima aduzidas para o que “seja” a tarefa da sociolinguística, um aspecto comum a todas elas pode, minimamente, ser aqui destacado: quando em uso, *a língua engendra discursos*; estes, em suas particularidades, revelam — além de elementos relativos à natureza sociocultural da linguagem — fatos que somente permitem ser explicados em função de fatores tais como variação e diversidade linguísticas. No que então concerne a esse aspecto, eis aí uma confortável resposta para a primeira de nossas questões formuladas: o discurso (expressão falada) representa, sim, um constructo teórico nodal nas lucubrações sociolinguísticas.

Porém, ante ao que as definições arroladas nos expõem, é preciso sublinhar que há uma gama de tópicos e preocupações particulares para o que, teoricamente, busca-se compreender por sociolinguística (cf., FIGUEROA, 1994). Assim sendo, paradoxalmente, por que admitirmos também a inexistência de uma não exata comunicabilidade de escopo entre tais definições? Na verdade, até diríamos que esse outro questionamento nosso coloca em evidência o argumento

²⁷ “Sociolinguistics places ‘stress on **parole**, on the speech act in all its social dimensions” (GIGLIOLI, 1972, *apud* FIGUEROA, 1994, p.2).

²⁸ “Sociolinguistics ‘studies the varied linguistic realizations of socio-cultural meanings...the currency of everyday social interactions which are nevertheless relative to particular cultures, societies, social groups, speech communities, languages, dialects, varieties, styles” (PRIDE, 1970, *apud* FIGUEROA, 1994, p.2).

²⁹ “Sociolinguistics ‘is that part of linguistics which is concerned with language as a social and cultural phenomenon” (TRUDIGILL, 1974, *apud* FIGUEROA, 1994, p.2).

³⁰ “Sociolinguistics is the interplay between the fact that language varies and the fact that variation is used to define the social situation, defining the speaker in terms of ‘what her group loyalties are, how she perceives her relationship to her hearer, and what sort of speech event she considers herself to be engaged in” (FALSOLD, 1984, *apud* FIGUEROA, 1994, p.2).

³¹ “Sociolinguistics is ‘the study of language in relation to society’ (HUDSON, 1980, *apud* FIGUEROA, 1994, p.2).

defendido pelos próprios sociolinguistas de que a proposta sociolinguística não se realiza decisivamente como uma teoria linguística. Acerca desse argumento, sociolinguistas e estudiosos (em geral) defendem que a sociolinguística, em particular aqui a laboviana, não chega a consolidar um campo teórico novo para o exercício da ciência da linguagem.

Isso que o parágrafo precedente acaba de esclarecer se mostra tão real em estudos como o de Figueroa (1994), que não faz sentido deixar de reparar ali a validade do pensamento da autora, passando, em outra circunstância, a negar que o trabalho de Labov — o qual lida, sim, com variadas questões de linguística geral (incluindo questões de fonologia, morfologia, sintaxe e, ainda, de semântica) — em nada se identifica com um fazer científico meta-teórico.

No que tange às variadas questões de sociolinguística, vale, pois, destacar que todas elas, efetivamente, se encontram refletidas na relação mediada com grande parte do saber que a ciência saussuriana permitiu produzir para seu objeto de investigação, a língua.

Mais algumas notas acerca do termo “sociolinguística”

Decorrente da anterior exposição e de nossa análise de alguns pontos caracterizadores do termo sociolinguística, acompanhemos agora outra breve reflexão pautada em mais três definições. Nesse caso, em linhas gerais, apresentamos alguns aspectos centrais das definições formuladas pela propalada matriz sociolinguística que se ancora em trabalhos de linguistas tais como: Dell Hymes (1974), John Gumperz (1982) e William Labov (2008 [1974]). Na perspectiva desses estudiosos, então, a sociolinguística

(9) [...] não é linguística, mas etnografia, não é linguagem, mas comunicação, comunicação que possui um quadro de referência interior, em que o lugar da linguagem na cultura e na sociedade pode ser avaliado³² (tradução nossa).

(10) existe enquanto uma necessidade de uma teoria [...] que representa a função da comunicação e da variabilidade linguística na relação com os falantes, sem se reportar a suposições funcionais não testáveis em consonância ou não com sistemas de normas padrão³³ (tradução nossa).

(11) [...] busca abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem — suas formas e organizações subjacentes — e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no

³²“It is not linguistics, but ethnography, not language, but communication, which must provide the frame of reference within which the place of language in culture and society is to be assessed” (HYMES, 1974, *apud* FIGUEROA, 1994, p.31).

³³“There is a need for a sociolinguistic theory which accounts for the communicative function of linguistic variability and for its relation to speakers goals without reference to untestable functionalist assumptions about conformity or nonconformance to closed systems of norms. Since speaking is interacting, such a theory must ultimately draw its basic postulates from what we know about interaction” (GUMPERZ, 1982, *apud* FIGUEROA, 1994, p.111).

dia-a-dia podem ser bastante úteis para alcançar esses objetivos (LABOV, 2007, p.2).

Face à leitura dessas três outras definições de sociolinguística, sublinhamos — como faz Figueroa (1994) — que, respectivamente, o ponto nodal das lucubrações sociolinguísticas parece (con)centrar-se “no significado linguístico”, “na interação social dos falantes” e “na *parole*”³⁴, o uso (ou expressão) da linguagem. Em vista disso — apesar da existência de divergências na forma de delimitar ali qual seja o escopo de investigação (comum) da sociolinguística idealizada pelos três sociolinguistas aludidos —, notamos pelas definições em questão que, genericamente, há uma preocupação em desenvolver uma teoria social para tratar de fatos da língua[gem]. Porém, é mister que sublinhemos que essa teoria não compartilha dos mesmos fins propostos no bojo de suas inquietações. Em Hymes (*apud* FIGUEROA, 1994), por exemplo, a noção de social procura resgatar algo do significado cultural supostamente evidenciado em contextos de uso da linguagem ordinária. Em Gumperz (*apud* Figueroa, *ibidem*), por sua vez, essa noção, que não permite ser significada por um texto ou por uma instituição, procura abarcar aspectos de linguagem que sejam negociados na interação construída entre falantes — aspectos que, por sinal, são bastante intuitivos. Já em Labov (*apud* FIGUEROA, *ibidem*), diferentemente, a noção de social responde (algumas vezes) ao que ele compreende por linguagem enquanto “fato social”, isto é, em linhas gerais, um tipo de comportamento exterior aos fatos linguísticos (por exemplo, fatos ligados à classe social, gênero e idade da espécie humana), mas que se impõe a todos os indivíduos pertencentes a uma dada sociedade, exercendo ali restrições sobre eles; nessas condições, o fato social poderá ser/estar refletido na competência linguística dos falantes.

Enfim, perante todos os posicionamentos arrolados nesta terceira seção de nosso trabalho, temos somente uma observação a fazer. Esta diz respeito à importância que todas as definições de sociolinguística aqui aventadas reconhecem para si. Ora, a proposta de desenvolvermos dois tópicos com algumas notas esclarecedoras acerca de aspectos caracterizadores — sejam estes de natureza teórica seja metodológica, conforme olhares de alguns estudiosos aqui citados — de uma proposta de estudo da linguagem pautada na sua relação com questões sociais não pode ser vista pelo leitor como um meio de demarcar fronteiras claras para diferentes abordagens sociolinguísticas. Ao contrário, está presente ali nosso gesto em querer fixar duas posições: uma delas que tem em mente a importância do termo sociolinguística quando identificado “como uma perspectiva e uma teoria da

³⁴ No que toca à ênfase que os estudos de Labov (1972, *apud* FIGUEROA, 1994, *cf.*, p.73) *a priori* dão aos aspectos da *parole* — aspectos relativos à linguagem que as pessoas realmente executam —, cumpre salientar que a tônica de suas lucubrações não se limita por excelência a isso. Há, ao contrário, um movimento teórico que é singular a esse (socio)linguista. Tal movimento busca demonstrar certa relação entre fatos de natureza social da linguagem (comuns, assistemáticos) e fatos de natureza linguística (abstratos, sistemáticos), a fim de produzir alguma compreensão acerca do que o estudo do uso da linguagem pode revelar sobre estruturas linguísticas.

linguagem” (FIGUEROA, 1994, p.183) e, outra que (com)partilha da ideia de que a empreitada sociolinguística somente se fundou, porque sempre existiram abordagens diversas (em competição) re-analisando os “mesmos” fatos linguísticos — nada ali consegue, pois, ser uniforme àquilo que as movimentam: o caráter social constitutivo da língua.

No tópico seguinte, re(a)presentamos, semelhante à Figueroa (1994), uma síntese de ideias centrais das teorias “sociolinguística” (particularmente, a laboviana) e “linguística”³⁵.

Enfim, seria a sociolinguística laboviana uma síntese de abordagens *standards*?

Ante o questionamento em tela, é preciso, inicialmente, reconhecer fatos que se mostram como caros na formulação de sua resposta, seja esta positiva seja negativa. Em sendo assim, urge trazer em cena pelo menos um dos motivos que certamente conduziu Labov à elaboração de (suas) questões (socio)linguísticas. Tal motivo, sem muitas delongas, relaciona-se à concordância desse estudioso com a demanda de um novo método científico que as ciências em geral — particularmente, a partir da segunda metade do século XIX — passaram a aderir como parte de suas pesquisas, o empirismo. Esse método assimila bem muitas das questões doutrinadas pelo chamado “realismo científico”, a saber, a possibilidade de se ter uma ciência bastante instrumentalizada e, em decorrência, capacitada para descrever fielmente o real.

Desse prisma, faz todo sentido fixar a seguinte avaliação de Labov (2008, p.233), a qual nos avisa de que “[...] os linguistas não podem continuar a produzir ao mesmo tempo dados e teoria”, posto que, agindo assim, muitos deles, presos em (seus) ideais de ciência, estariam a produzir explicações limitadas acerca da organização e do funcionamento do complexo fenômeno da linguagem, o qual não só não carece ser explicado por motivações internas *a priori* tomadas como objeto de discussão, mas também pelo que lhe é constitutivo: certos fatos ali indicadores de sua realidade social.

Foi desse método, com efeito, que Labov partiu para problematizar aspectos de natureza heterogênea inerentes à língua[gem]. Nesse caso, há que se ressaltar — conforme elucidada Figueroa (1994) — que, na visão de Labov, a possibilidade de se assumir uma linguística realista se justifica face a um conjunto de fatores que, na relação mantida com o mundo cotidiano, em particular aqui, com o modo como as pessoas vivem/falam, permitem refletir melhor sobre fatos linguísticos

³⁵ Aqui, ressaltamos que, para o tópico que estamos por abrir, não se apregoa uma separação estanque entre sociolinguística e linguística — ora, isso invalidaria questões que estamos apostando com este trabalho. Nesse sentido, reiteramos o posicionamento de Labov (2008, p.216) o qual defende ser a designação sociolinguística “[...] um uso um tanto enganador de um estranho termo redundante”; “enganador”, porque faria supor que há uma sociolinguística com escopo diferente do da linguística e “redundante”, porque implicaria a existência de uma linguística que fosse desligada de questões concernentes ao caráter social inerente à linguagem (idem).

semelhantes àqueles que, efetivamente, são compartilhados por grupos humanos. É por isso, então, que Labov assevera que o objeto da linguística deve ser “[...] ao fim e ao cabo, o instrumento usado pela comunidade de fala [...]”³⁶ (LABOV, 2008, p.220).

No entanto, para que esse objeto fosse assim (re)visto — à maneira laboviana — por estudiosos de língua[gem], foi preciso que o próprio Labov (2008) promovesse uma discussão intrateórica de premissas aceitas como padrão para a descrição de fatos linguísticos. Ora, desde a fundação da linguística, em 1916 (exatamente com a publicação do CLG), até 1960, os estudos ali frutificados tiveram como escopo a realização de descrições puramente objetivas das línguas, descrições que ignoraram contingências relativas à indissociável relação língua[gem]-sujeito. Por esse motivo, a língua, objeto de estudo da linguística, não era investigada face a uma possível relação com a fala, com aquilo que lhe é exterior.

Em vista do que o parágrafo anterior formula, sublinhamos que Labov se interessou bastante em investigar aquilo que ali estava encoberto: a heterogeneidade constitutiva do sistema linguístico. Neste caso, para proceder às suas lucubrações, Labov, primeiramente, retomou premissas defendidas pelas teses saussurianas e pelas teses chomskianas, as quais, em suma, trazem particulares análises e descrições, respectivamente, para o objeto língua enquanto “fato objetivo” e enquanto “fato intuitivo”, uma faculdade inata aos falantes. No que tange a esse retorno, então, não hesitamos em também asseverar que

Labov pode ser notado como a tentativa de algum tipo de síntese entre abordagens diferentes dentro do estudo da estrutura da linguagem. Tal síntese pode ser vista também como uma tentativa de relacionar *parole* com *langue* de forma mais sintética, mostrando uma relação sistemática entre o fenômeno observável, a *parole*, e o sistema abstrato, a *langue*³⁷ (tradução nossa).

Perante o que a citação em tela pontua, consideramos, por conseguinte, que a sociolinguista laboviana, identificada ali como sendo uma síntese de abordagens linguísticas, se constitui e institui enquanto um ousado gesto de Labov, gesto que, em geral, é motivado pela possibilidade de se produzir (e de se ter) uma versão melhorada de teorias desenvolvidas pela chamada linguística padrão. Sua empreitada, nesse sentido, não chega a fundar um novo paradigma científico para a prática da ciência linguística, conforme adiante destacaremos.

³⁶ Aqui, gostaríamos de apenas ressaltar que a noção laboviana de “comunidade de fala” produz alguma “certeza” de que dado comportamento linguístico esteja/seja sempre determinado pelo grupo que o realiza. Acerca disso, reiteramos o crítico questionamento de Figueroa (1994, p.89), o qual nos faz notar os seguintes pontos: “como sustentar que a língua se realiza na comunidade de fala, quando o comportamento linguístico estudado é extraído dos indivíduos?” (Tradução nossa). Sob perspectiva figueroana, então, não há como discordar que aspectos linguísticos da ordem individual foram extirpados dos estudos de Labov.

³⁷ “Labov may be seen as attempting a synthesis between these rival factions in received linguistics. It is a synthesis which is seen as building upon past accomplishments, making improvements where necessary but not fundamentally challenging basic tenets” (FIGUEROA, 1994, p.74).

A fim de melhor explicitar posicionamentos dessa “síntese de abordagens linguísticas” que Labov (pro)move para o erigir de sua perspectiva teórica, a sociolinguística, (re)formulamos, nos dois subtópicos seguintes — respaldados em estudos de Figueroa (1994) —, algumas semelhanças e divergências teóricas que as abordagens estruturalista (saussuriana), gerativista (chomskyanana) e sociolinguista (laboviana) conservam entre si (ou não) no que constroem como orientação para possíveis análises e descrições do objeto língua.

Na sequência, passemos a observar essas outras questões.

Considerações acerca de algumas premissas *da linguística padrão e da teoria sociolinguística labovina*³⁸

a. Algumas semelhanças e divergências entre as linguísticas de Saussure e de Labov

Todos os pontos abaixo destacados acerca do que aproxima e também do que distancia o pensamento teórico de Labov do pensamento teórico de Saussure exemplificam aspectos importantes do trabalho metateórico realizado por Figueroa (1994), que, comedidamente, se lançou à tarefa de investigar questões cruciais de linguística padrão na relação com questões ali reconhecidas como “periféricas”, neste caso, questões de (socio)linguística.

Em sendo assim, para que melhor percebamos as elucidações de Figueroa (1994), propomos o seguinte quadro ilustrativo, o qual identifica algumas semelhanças e diferenças entre questões concernentes às lucubrações saussurianas e labovianas tomadas sob algum tratamento teórico-metodológico para fatos linguísticos.

Observemos, então, por meio do quadro a seguir, indicações disso:

³⁸ O leitor, após a leitura desse título, poderá se questionar acerca da designação “teoria sociolinguística”. Ora, tendo em vista outras de nossas discussões aqui arroladas, uma possível objeção sua seria esta: a pesquisa sociolinguística identifica-se como um método de análise e de descrição de fatos linguísticos, e não exatamente como uma teoria linguística. Não obstante questionamentos assim, optamos por tomar emprestado parte do título que Figueroa (1994) também formula, em especial, quando aduz pontos de semelhança e de divergência entre o que é pressuposto no âmbito de questões de linguística padrão e o que Labov dali produziu para demonstrar posicionamentos relativos à sua perspectiva (socio)linguística.

Quadro n.1: Contrastando aspectos teóricos das teorias linguísticas de Labov e de Saussure

LABOV E SAUSSURE: semelhanças	LABOV E SAUSSURE: Divergências
<p>1. Labov e Saussure não estão interessados em perscrutar questões de (variação) linguística que não possam ser explicadas no/pelo sistema linguístico.</p> <p>2. Labov e Saussure rejeitam descrições ou explicações de natureza psicológica/individualista para o tratamento de fatos de língua[gem]; ambos procuram localizar a língua[gem] como um fato social.</p> <p>3. Labov e Saussure afirmam que o objeto de investigação da linguística é a <i>langue</i>, e não a <i>parole</i> — a despeito de haver estudos inadvertidos que afirmam ser a <i>parole</i> o objeto de estudo da sociolinguística.</p>	<p>1. Para Labov, diferente do que apregoa Saussure, o sistema linguístico não é homogêneo, mas heterogêneo³⁹. Na óptica laboviana, com efeito, a comunidade de fala — isto é, as atitudes que os falantes compartilham em relação à língua — é aquilo que constitui, realisticamente, um dado homogêneo.</p> <p>2. Para Labov, o estudo científico da língua não deve ignorar, como apregou Saussure, sua heterogeneidade real. Ora, da perspectiva laboviana, a <i>parole</i> não é caótica, nem menos desmotivada⁴⁰.</p> <p>3. Para Labov, diferentemente de Saussure, as pesquisas de língua[gem] são capazes de mostrar a mudança linguística em curso.</p>

No que tange aos aspectos que o quadro em tela exhibe, nota-se dali que alguns dos fundamentos da sociolinguística laboviana são, em sua maioria, semelhantes àqueles que Saussure elaborou como orientação básica para suas análises estruturais de fatos linguísticos. Com efeito, temos somente a dizer que a empreitada de Labov demonstra, tal qual ressalta Figueroa (1994), um esmerado trabalho de revisão das premissas saussurianas como um *novo* modo de fazer linguística.

Tal qual procedemos nessas análises anteriores e fundamentos da sociolinguística laboviana na relação que a aproxima (e, também a distancia) de particularidades da ciência de Saussure, propomos, abaixo, outro quadro — também, respaldado na pesquisa metateórica de Figueroa (1994) — que enfatiza movimentos teóricos de Labov perante premissas do *programa de investigação científica* (abreviadamente, PIC)⁴¹ apresentado à linguística pelo estudioso N. Chomsky (1972).

b. Algumas semelhanças e divergências entre as linguísticas de Chomsky e de Labov

Inicialmente, pode parecer estranha ao leitor a afirmação de que a sociolinguística laboviana contém elementos em seu escopo que sejam familiares a um e/ou a outro elemento(s) do PIC

³⁹ Saussure não defende a homogeneidade do sistema, mas da língua em si, tomada como construção coletiva. E somente nesse sentido (de saber coletivo) que a língua é entendida como homogênea.

⁴⁰ Quando, da perspectiva laboviana, apontamos que a fala não é caótica, não se deve entender dali que, na perspectiva saussureana, ela o seja — de fato, na produção saussuriana não há afirmação textual disso.

⁴¹ Expressão formulada por Lakatos (1978), ao tratar de fatos relativos à história das ciências em geral.

chomskyano. Todavia, isso é possível de ser percebido, sobremaneira, se não nos furtarmos daquilo que dali precisa ser compreendido: a linguística, em sua forma singular de (se) fazer ciência, é, verdadeiramente, um tipo de orientação teórica para a investigação de muitos fenômenos de linguagem que, em si mesmos, nos permitem determinar princípios gerais (princípios de natureza formal) reguladores de estruturas das línguas (cf., LABOV, 2008, p.217).

Quanto a isso, notemos o que o quadro seguinte nos esclarece:

Quadro n.2: Contrastando aspectos teóricos das teorias linguísticas de Labov e de Chomsky

LABOV E CHOMSKY: semelhanças	LABOV E CHOMSKY: divergências
<p>1. Labov e Chomsky são seguidores de preceitos da doutrina científica nomeada de “realismo científico” (a única diferença está no tipo de realismo adotado: o de Labov é o mundano, já o de Chomsky é o psicológico).</p> <p>2. Labov e Chomsky estão empenhados no estudo geral da estrutura da linguagem — daí, também, ser possível asseverar que os estudos labovianos visam a compreender questões relativas à criação de fatos do sistema linguístico pela espécie humana (a única diferença está no fato de que Labov estuda a estrutura linguística como incorporada à estrutura social e Chomsky à faculdade mental da linguagem).</p>	<p>1. Em Labov, diferente de Chomsky, que considera a linguagem uma propriedade mental, o indivíduo não é a fonte de dados linguísticos, mas a comunidade em geral.</p> <p>2. Em Labov, também diferente de Chomsky, a intuição não é um meio aceitável para se tratar da realidade de fatos linguísticos, já que ela é interna e, nesse sentido, possui caráter subjetivo (não pode ser, com efeito, replicada).</p> <p>3. A noção de gramática em Labov não corresponde a uma construção idealizada a partir do que conjectura um linguista, mas àquilo que, de fato, revela fatos linguísticos particulares de uma comunidade de fala, sendo, para todo caso, observáveis.</p> <p>4. O método empregado por Labov para analisar o objeto língua é o indutivo; são os dados, na perspectiva laboviana, o elemento que induz uma teoria. Em Chomsky, ao contrário, devido ao uso que faz do método dedutivo, é a teoria que conduz os dados.</p>

Em vista do que os dois quadros construídos nos expõem, cumpre apenas ressaltar, uma vez mais, que há ali fortes indícios de que Labov realizou uma revisão de pressupostos teóricos da linguística constituída/padrão, neste caso, referimo-nos aos pressupostos teóricos das linguísticas saussuriana e chomskyana, respectivamente. Perante então a esse fazer metateórico de Labov, diríamos que é próprio de toda teoria científica refutar uma e/ou outra premissa(s) já (re)conhecidas por estudiosos. Porém, somos prudentes em lembrar que existem pressupostos basilares em qualquer teoria que serão sempre irrefutáveis. Exemplo disso pode ser corroborado naquilo que Labov tentou fazer das teorias de Saussure e de Chomsky; mesmo que ele tenha se desligado de pontos singulares dos dois linguistas em questão, muitos argumentos ali construídos foram retomados em sua (socio)linguística.

A seguir, exibimos alguns posicionamentos do físico e filósofo estadunidense Thomas Kuhn (2009) acerca do que compreende por “atividade científica”; em particular, posicionamentos que ele abordou em sua conhecida obra *A estrutura das revoluções científicas* (2009). Ante variadas questões que Kuhn desenvolve nessa obra, com efeito, destacamos dali duas, a saber, a de “normal science” e a de “revolutionary science” — noções que nos permitem compreender o papel dos estudos do (socio)linguista William Labov para a ciência linguística.

Abaixo, antes de encerrar este trabalho, observemos alguns desses posicionamentos de Kuhn (2009).

A sociolinguística laboviana: “a normal science” ou “a revolutionary science”?

Do que acabamos de expor resulta que, se Labov, de fato, retoma questões de linguística geral para estruturar sua perspectiva sociolinguística, há em atitude assim provas de que ele é tributário de premissas científicas padrões — as premissas científicas clássicas elaboradas por Saussure e Chomsky.

No que então toca à contribuição de Labov à ciência linguística, sobremaneira, à sua proposta de estudo de estruturas linguísticas em suas relações com aspectos de natureza social, é possível compreender melhor essa constatação a partir de duas observações desenvolvidas por Kuhn (2009). Neste caso, trata-se da *noção* de “paradigma científico”⁴² e da *distinção* que promove entre “ciência normal” e “ciência revolucionária”. Essas observações tanto nos permitem aqui um pontuar de aspectos relativos ao lugar teórico de que Labov fala, quanto a confirmação de algum fim alcançado por seu empreendimento sociolinguístico.

Em sendo assim, primeiramente, é necessário sublinhar que o esforço de Kuhn (2009) em problematizar a noção de “paradigma científico” se justifica perante a própria tese defendida por ele em *A estrutura das revoluções científicas*. Em linhas gerais, sua tese assevera haver uma nova imagem de ciência que precisa ser (re)conhecida hoje. Ora, sob a óptica kuhniana, a própria noção de ciência — que não se (re)faz a partir de uma suposta linearidade de conhecimentos “já sabidos”, mas a partir de conflitos que se dão entre teorias padrões — compreende um todo de relações sistemáticas regido por regras construídas por cientistas, com o intuito de fundamentar campos

⁴² Em Kuhn (2009), encontramos diferentes definições dessa noção, podendo, por exemplo, significar uma espécie de “matriz” para se fazer/praticar ciência; uma “concepção de mundo” que reúne teorias, instrumentos, conceitos e métodos de investigação para o perscrutar de fenômenos no/do mundo; um “conjunto de realizações científicas concretas” (universalmente (re)conhecidas) que, em uma dada conjuntura histórica, fornecem modelos para o trabalho de estudiosos/cientistas. No que tange a todas essas tradicionais significações de paradigmas, vale lembrar que todas atendem àquilo que se compreende por “ciência normal”, isto é, nos termos do próprio Kuhn (*idem*, p.29), uma “[...] pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas”.

científicos, dotando-os, conseqüentemente, de certa coerência. Essas regras, com efeito, os paradigmas, equivalem, genericamente, a algo (um instrumento) que, durante algum tempo, é (com)partilhado por toda uma comunidade científica. Como então os conhecimentos e valores imputados a certo fazer científico tendem sempre a ser contingenciais, isso certamente levará o irromper de um novo paradigma para explicação de fenômenos antes ali desconhecidos.

Para o caso da linguística, em especial, esse argumento que o parágrafo precedente coloca em xeque não se configura em sua exatidão. Em nosso campo de estudo, diferentes paradigmas são, ao mesmo tempo, utilizados por linguistas, os quais adotam formas completamente variadas de se compreender o multifacetado fenômeno da linguagem — no âmbito dos estudos linguísticos, não temos, pois, um paradigma vigente comandando todos os trabalhos com foco único: o objeto língua.

Nesse sentido, reconhecendo agora a segunda das observações a que nos propusemos a fazer, a distinção que Kuhn (2009) pontua para as noções de “ciência normal” e de “ciência revolucionária”, podemos, inclusive, responder à questão suscitada no título deste trabalho: afinal, qual desses dois tipos de ciência pode servir para caracterizar a sociolinguística laboviana? Antes de uma possível resposta para esta pergunta, reconhecemos que, diante dos propósitos da ciência de Saussure e da perspectiva sociolinguística de Labov, a possibilidade de que uma revolução científica tenha advindo dali é inválida. Dessa forma, somos ainda legionários de muitos ensinamentos saussurianos, já que as regras que governam a prática das pesquisas linguísticas atuais continuam quase que exclusivamente as mesmas: (con)centradas em fatos que se ligam ao objeto língua.

No que então toca à questão anterior, concordamos em dizer, conforme reconhece Figueroa (1994), que a sociolinguística laboviana, por retomar muitas questões da linguística de Saussure aqui pontuadas, identifica-se com as exigências do que Kuhn (2009) designou de “ciência normal”; exigências tais como a necessidade de se ter entidades teóricas ordenadas, replicáveis e generalizáveis para fazer funcionar uma prática científica foram (per)seguidas por Labov. Sua sociolinguística, por conseguinte, representa, se vista sob uma perspectiva metateórica, um trabalho atento àquilo que precisa ser verdadeiramente investigado: fatos do objeto comum (a “parole”) na relação com fatos sistematicamente verificáveis pelo objeto abstrato (a “langue”).

Arrematando alguns pontos

O objetivo central perfilhado neste estudo foi discutir questões de natureza metateórica que nos permitissem asseverar que a sociolinguística laboviana corresponde a um estágio de “ciência normal”, “a normal science”, nos termos de Kuhn (2009). Para chegarmos a essa conclusão, apoiamo-nos em posicionamentos desenvolvidos por Figueroa (1994), em especial, aqueles que

ênfatisam bastante o fato de o discurso de Labov ser um *continuum* de questões de linguística geral, de sorte que, aqui, fosse possível refletir sobre o que efetivamente representa uma proposta de estudo que reivindica para si uma metodologia e um escopo definidos a partir de fatos da “parole”.

Disso, com efeito, pudemos notar que a perspectiva sociolinguística de vertente laboviana parece se justificar ante a necessária relação que, metateoricamente, se estabelece com fatos de linguística padrão, a saber, fatos de fonologia, de morfologia, de sintaxe e de semântica, como bem ressalta o próprio Labov (2008). Tal perspectiva, portanto, caracteriza-se, conforme Figueroa (1994), como uma “metateoria”, que, se vista do prisma de questões preconizadas por Saussure (2006), procura realçar (como unidade de análise) aspectos relativos ao objeto língua.

Referências

CHOMSKY, Noam. **Linguística Cartesiana**. Petrópolis: Vozes, 1972.

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero.

LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. **A crítica e o desenvolvimento do onhecimento**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

PONCHIROLLI Mardeli; PONCHIROLLI, Osmar. **Métodos para a produção do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.